

A CONSTRUÇÃO DE DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS ENTRE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS NO PARQUE ELIANE EM TERESINA-PI

Efigênia Alves Neres (Bolsista-PIBIC/CNPq/UFPI) ¹

Maria do Carmo Alves do Bomfim (Prof.^a Dr.^a Orientadora/ UFPI) ²

RESUMO

Este artigo suscita as experiências de uma pesquisa em andamento do Programa PIBIC/CNPq/UFPI, intitulada “A Construção de Diálogos Intergeracionais entre Jovens, Adultos e Idosos no Parque Eliane em Teresina-PI”. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Ferrigno(2010), Oliveira(2011) Miranda(2010) e Melluci(2005) e tem como foco refletir sobre a Construção de Diálogos Intergeracionais entre Jovens, Adultos e Idosos de 05 famílias da comunidade Parque Eliane de Teresina-PI, bem como busca identificar os significados que caracterizam o ser “jovem”, “adulto” e “idoso” nas Práticas Culturais de Diálogos Intergeracionais, com vistas à melhoria das convivências humanas no espaço familiar, escolar, de lazer e na comunidade. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, baseada na Pesquisa-Ação. Estas experiências possibilitaram a compreensão de que a construção de Diálogos Intergeracionais ajuda na inclusão social de Jovens, Adultos e Idosos enriquecendo-os mutuamente e desenvolvendo a tolerância e a solidariedade e amenizando, portanto, os efeitos deletérios do preconceito etário.

Palavras-chave: Diálogos Intergeracionais. Coeducação. Jovens. Adultos. Idosos.

1 Introdução: como chegamos às inquietações sobre os Diálogos Intergeracionais

Os desejos e interesses em pesquisar sobre os Diálogos Intergeracionais emergiram de nossas inquietações frente às experiências vivenciadas durante as práticas do Projeto de Intercâmbio Científico- Cultural “Rodas de Culturas”, desenvolvido na comunidade Parque Eliane, localizada na zona sul da cidade de Teresina-PI, entre a Universidade Federal do Piauí/UFPI, a Universidade Estadual do Piauí- UESPI e a Università Degli Studi Di Verona – UNIVR/Itália.

Nas nossas idas à comunidade Parque Eliane, compreendemos a necessidade de estudar e lidar com a relação existente entre as diversas gerações na sociedade contemporânea. Daí derivou-se algumas indagações, que nos fizeram averiguar que

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECEI e do Observatório de Juventudes, Culturas de Paz em Combate às Violências nas Escolas - OBJUVE.

² Doutora em História e Filosofia da Educação. Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECEI.

muitas são as perguntas suscitadas por essa temática e poucas são as respostas. Eis algumas que se expressam no cotidiano e estão influenciando a busca de aprofundamento sobre como se relacionam os diversos grupos etários: Como vivem as diversas gerações na sociedade contemporânea? Que mudanças estão sendo sentidas? Há de fato, entre elas, conflitos, competição, cooperação, afetividade, indiferença, autoritarismo ou igualitarismo? É possível fomentar processos de educação recíproca entre as diferentes gerações? O lazer e a troca de experiências podem reduzir a segregação e preconceito entre as pessoas de idades muito distintas?

Este artigo, portanto, tem como objetivo central suscitar as inquietações e experiências de uma pesquisa em andamento do Programa PIBIC/CNPq/UFPI, intitulada “A Construção de Diálogos Intergeracionais entre Jovens, Adultos e Idosos no Parque Eliane em Teresina– PI”

Neste sentido, o texto está estruturado em três sessões: a primeira trata da contextualização social do espaço de construção de Diálogos Intergeracionais da pesquisa, ora projetada- a comunidade Parque Eliane; a segunda discute teoricamente aspectos associados à ideia do relacionamento intergeracional como processo de permanente construção cultural; a terceira discorre sobre os símbolos e significados que caracterizam o ser “jovem”, o ser “adulto” e o ser “idoso” dentro das práticas culturais de Diálogos Intergeracionais; a quarta explicita os percursos metodológicos utilizados em todo processo pesquisacional e na última sessão, são apresentadas as (in) conclusões, baseadas nos estudos e experiências vivenciadas, registrando assim algumas reflexões parciais sobre os tipos de Diálogos Intergeracionais construídos na sociedade contemporânea e os impactos educativos e sociais decorrentes dessas práticas.

2 O Parque Eliane: Espaço de Construção de Diálogos Intergeracionais

A comunidade Parque Eliane está localizada na zona sul da capital do estado do Piauí-Teresina, sua origem é resultante de uma ocupação que iniciou em fins do ano 2000 por famílias oriundas de várias áreas dessa capital, como o bairro Angelim, Promorar, Comunidade Salobro, Nazária, Cerâmica Cil, de cidades do interior do Piauí e do Maranhão. Esse processo de ocupação ainda prossegue, mas nenhuma família, embora já tenha o direito a terra pela lei do usucapião, até hoje, não possui documento oficial que regulamenta sua posse, razão essa motivada pela não prioridade dos poderes públicos por aquela área e, ainda, a pouca mobilização destes para tal fim.

Segundo Santos (2008) a maioria das famílias construiu sua casa com tijolos e telhas por conta própria, outras também com o mesmo material, através do financiamento de projetos governamentais como “Minha Casa, Minha Vida”, cujos recursos são advindos do governo federal e de outros projetos financiados em parceria com a Prefeitura Municipal de Teresina.

As carências básicas da comunidade se multiplicam obstaculizando a sobrevivência da maioria da população que ali habita, sendo as mais prementes: saneamento básico, escola, posto policial, posto de saúde, transporte urbano e espaços de lazer (praças e locais para a prática de esportes destinados a crianças, jovens, adultos e idosos). O mais agravante desta realidade é que inquieta por demais a comunidade diz respeito à ausência de políticas públicas destinadas ao segmento juvenil que, em sua maioria, tem como “única saída” para agregar-se, divertir-se e socializar-se as gangues, que estando em constante disputa entre elas, acumulam um histórico de homicídios, assaltos e furtos dentro da própria comunidade ou fora dela.

Toda essa realidade e contexto sociocultural e histórico da comunidade Parque Eliane influem direta ou indiretamente nas relações existentes entre as diversas gerações e na forma como se constroem os Diálogos Intergeracionais entre os jovens, os adultos e os idosos, pois como aponta Ferrigno (2010) assim como a sociedade é uma realidade objetiva e produto humano, o homem e as diversas gerações também se constituem como produtos socialmente construídos e modificados constantemente pela cultura, sendo no próprio cotidiano desses sujeitos/as que aprendemos nos mais diversos espaços de socialização como se efetuam as trocas de afeto, saberes e conhecimentos específicos de uma geração para outra.

3 O Relacionamento Intergeracional como processo de permanente Construção Cultural

Com todos os seres humanos e tudo que é dotado de vida somos submetidos ao processo de nascimento, crescimento e de morte, isso se dá por uma imposição da natureza e uma complexa série de fenômenos biológicos que marca o percurso de vida de cada espécie. Para Ferrigno (2010) todo esse desenvolvimento biológico no ser humano pode ser percebido ao longo de uma sucessão de etapas: a infância, a adolescência, a do adulto jovem, a meia-idade e a velhice. Essas fases são decorrentes de singularidades orgânicas, mas também produzidas pela cultura.

Assim, para além das imposições orgânicas, as culturas humanas desde a pré-história até os dias atuais produziram e produzem inúmeras significações para cada uma das etapas da existência do homem, em que regras de conduta são institucionalizadas para as diferentes fases da vida e são expressas no desempenho de papéis sociais. Diante desse processo de construção social das gerações o relacionamento entre as faixas etárias tem se modificado ao longo da história da humanidade.

Como afirma Ferrigno (2010) no mundo ocidental durante a Idade Média, jovens, adultos e idosos se misturavam durante as situações de festa ou de trabalho, nas comunidades rurais e nas pequenas cidades ainda hoje, esse encontro é mais frequente nas manifestações da cultura popular.

Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças se misturavam com os adultos assim que eram considerados capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de uma desmame tardio, ou seja, aproximadamente aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. (FERRIGNO, 2010, p.44-45).

Nos grandes centros urbanos, ao contrário, percebemos que prevalece atualmente a separação das gerações em espaços sociais exclusivos, em que os jovens, adultos e idosos frequentam lugares diferentes e “exclusivos” para cada geração, a exemplo se pode citar a formação de “tribos juvenis”, que se compartimentalizam e são visivelmente identificadas já na aparência, pelos traços e adereços.

Nesta perspectiva, como salienta Ferrigno (2010) juventude, vida adulta e velhice passam a serem conceitos socialmente construídos, desconstruídos e reconstruídos, como um fenômeno modificado pela cultura, sendo que o entendimento do papel de cada geração e dos ciclos etários está diretamente relacionado à atribuição ao indivíduo de um determinado status, à entrada no mercado de trabalho e a formulação de demandas sociais.

Sendo assim, diante do exposto e da complexidade em que se efetuam as relações intergeracionais evidencia-se o fato de que nas mesmas existem tanto peculiaridades quanto divergências, já que o mero fato de pertencer a um grupo etário não determina por si só uma orientação geral. Nada haverá de comum, caso os indivíduos não pertençam à mesma cultura e sociedade, pois a geração é uma sobredeterminação de fatores históricos e culturais.

4 Ser “Jovem”, “Adulto” e “Idoso” dentro das Práticas Culturais de Diálogos Intergeracionais

Na sociedade contemporânea, percebemos que o fenômeno social de gerações segregadas e a compartimentalização de espaços sociais para as diversas gerações dificilmente nos chama a atenção, já que muitas vezes somos tentados a considerar tal fenômeno como algo esperado, natural, inevitável e até, por diversas razões morais e pedagógicas, adequado.

Bourdieu (1983, p. 82) esclarece pontuando que as classificações por idade (também por sexo e classe) acabam sempre impondo limites e produzindo uma ordem em que cada um deve se manter em seu lugar. Todavia, Motta (2011, p.88) afirma que as idades podem ser vistas de um modo mais individualizado – a idade de cada um -, mas as gerações têm sempre sentido eminentemente coletivo, além de referenciadas umas às outras. No âmago, as idades e gerações constituem um par conceitual mutuamente referido e sujeito a contingências históricas e sociais.

Diante disto, surgem inúmeras inquietações das famílias e de alguns profissionais (educadores, psicólogos, agentes públicos), enfim, estudiosos que convivem diariamente com os problemas evidenciados pelos preconceitos ostensivos e velados e os estereótipos que as diferentes gerações enfrentam e, às vezes, reproduzem.

Os jovens no espaço escolar e também em outros espaços como a rua, clubes e praças, onde a convivência é prioritariamente com seus pares, parecem ser motivados especialmente a formar grupos de amizade compostos por indivíduos de mesma idade ou próxima e com ideias, valores e hábitos bem semelhantes, fato que explica a significativa profusão das chamadas “tribos juvenis” como as turmas do *rap*, *hip-hop*, *punks*, *mauricinhos* e *patricinhas*. O universo adulto é formado em grande parte pelo mundo do trabalho, no qual as relações se dão basicamente com outros adultos, em espaços dedicados ao estudo, ao lazer ou alguma atividade de militância social, política ou religiosa.

“[...] o adulto experimenta a plenitude do tempo presente, o agora. Ele é o protagonista do que se considera ser o ápice da vida humana: o período economicamente produtivo, em que o indivíduo volta-se ao estudo, ao trabalho, ao estabelecimento de um vínculo afetivo capaz de gerar uma família, para a qual se deve prover o sustento”. (MIRANDA, 2010, p.13).

Essa ideia socialmente construída citada por Miranda (2010) explicita que a maturidade do adulto supera a inexperiência ou imaturidade juvenil, já que no tempo vivido por ele vigora a urgência, a precisão e a objetividade. Ferrigno (2010) faz uma crítica a essa ideia afirmando que existe na sociedade atual um

[...] preconceito que vê no adulto a fase “áurea” ou plena da vida, desmerecendo quem ainda não chegou a esse momento e também aqueles que já ultrapassaram determinada faixa etária. [...] tanto para as crianças (que só tem futuro) quanto para os velhos (que só tem passado) não há presente. “São todos marginalizados, privilegiando-se a figura do adulto. (p. 48).

No caminho em direção à fase da terceira idade, em decorrência de inúmeros fatores culturais contemporâneos, os contatos sociais tendem a rarear, isto é assiste-se a um progressivo esvaziamento de papéis, fato que determina ao idoso um crescente isolamento ou recolhimento ao espaço doméstico. A aposentadoria, a viuvez, a perda de amigos e a chamada “síndrome do ninho vazio”, esta última caracterizada pela debandada dos filhos emancipados, são fenômenos que impõem aos mais velhos uma expressiva diminuição de funções. É o que discorre Ferrigno (2010, p. 48-49) quando diz que existe

[...] o mito do adulto como um ser pleno e acabado, identificado com atributos não alcançados pelos mais jovens, como “domínio de si, capacidade de manter compromissos, desempenhar seu ofício e transmitir a vida. Nesta perspectiva, a velhice é tida como sinônimo de decadência, daquilo que já foi que ‘já era”, expressão bastante usada, principalmente pelos jovens. Deveríamos falar de adultos jovens e adultos velhos. O idoso não deixa de ser um adulto; continua sendo um adulto, um adulto mais velho.

Nesse contexto a velhice como autoconvencimento porta uma carga pesada de negatividade, não apenas existencial, mas também política, na medida em que confere ao indivíduo toda a responsabilidade pelos problemas que enfrenta como idoso e que são, em maior parte, de caráter social e cultural – como as limitações econômicas (baixas aposentadorias) e a exclusão de espaços de participação social, dificultando ao indivíduo a sensação de bem estar e a percepção de que pode lutar por seus direitos e cidadania.

5 Metodologia: Os Percursos Iniciais de uma Caminhada

A pesquisa aqui apresentada tem como foco analisar a Construção de Diálogos Intergeracionais entre 15 jovens, adultos e idosos pertencentes a 05 famílias da comunidade Parque Eliane. A problemática envolvente é refletir sobre a possibilidade

ou não de fomentar neste espaço social processos de educação recíproca entre as diferentes gerações. Especificamente, busca-se: a) identificar os símbolos e significados que caracterizam o “ser jovem”, o “ser adulto” e o “ser idoso” dentro das Práticas Culturais de Diálogos Intergeracionais, com vistas à melhoria das convivências humanas no espaço familiar, escolar, de lazer, na religião e na comunidade; b) definir tipos de Diálogos Intergeracionais praticados pelos jovens, adultos e idosos integrantes do Parque Eliane, envolvidos na pesquisa, ora projetada e c) identificar impactos educativos e sociais decorrentes da construção de Diálogos Intergeracionais vivenciados em práticas socializadoras entre jovens, adultos e idosos das famílias envolvidas analisar a Construção de Diálogos Intergeracionais entre Jovens, Adultos e Idosos de 05 famílias da comunidade Parque Eliane, zona sul de Teresina-PI.

Assim, compreendendo a complexidade dos fenômenos sociais e a dialogicidade que permeiam as interações entre as pessoas e os grupos, optamos neste trabalho pela pesquisa de natureza qualitativa inspirada nas orientações de Melluci (2005), em termos de estudo de caso, considerando que ela ajudará em uma maior aproximação e diálogo com os jovens, adultos e idosos, bem como também adentrar o cotidiano do Parque Eliane de forma a perceber a concretude da construção dos diálogos intergeracionais na comunidade, captando além dos resultados, o processo de interação entre as pesquisadoras e sujeitos/as pesquisados, ambos com seus papéis específicos no contexto – as pesquisadoras com a função de busca e de escuta das falas e significados construídos pelos sujeitos e os atores/atrizes sociais do grupo em estudo interagindo com o/a pesquisadora – atribuindo significados à realidade e as relações que aí se estabelecem.

Sobre esta mesma técnica de pesquisa, Oliveira (2010) contribui afirmando que

Qualquer problema não é simplesmente um problema dos sujeitos de minha pesquisa: é também meu problema- como participe da ação, como pesquisador e como alguém que se interroga diuturnamente sobre o sentido do seu fazer. Significa, portanto, um engajamento com aquilo que se faz. É assumir a responsabilidade pela extensão dos meus atos, averiguando, passo a passo, que implicações eles podem propiciar às pessoas, sejam elas mais velhas, sejam mais jovens. A realização delas será também a minha. (p.17-18).

Pensando assim, como uma forma de melhor adentrar no espaço pesquisado, utilizamos a Pesquisa-Ação como estratégia de aproximação, de vivência e convivência com os jovens, adultos e idosos das famílias do Parque Eliane, permitindo com isso a participação de todos/as os/as envolvidos/as no processo.

A Pesquisa-Ação, para Thiollent (2007, p.16):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de problema coletivo, no qual os/as pesquisadores/as e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A mudança a que se propõe a Pesquisa-Ação pressupõe uma transformação de si, a partir da consciência da existência do/a outro/a e do mundo a sua volta, permitindo com isso a construção de outro ser humano, de outro mundo com possibilidades criadoras, autônomas e tendo como princípio a própria liberdade.

Desse modo, na Pesquisa-Ação as pesquisadoras, atores e atrizes sociais desempenham um papel que exige diálogo e participação permanente, tendo em vista que as ações desenvolvidas deverão estar imbuídas na prática cotidiana do grupo pesquisado. Os episódios observados, que estão em jogo, interagem com as observadoras ou pesquisadoras externas, isto é, atores sociais (no caso, jovens, adultos e idosos em situação de diálogos intergeracionais) e o seu meio ambiente não só fornecem dados para as observadoras externas, mas também, interferem na sua prática de observação e de escuta dos sujeitos pesquisados.

Os atores sociais se movem, falam, pensam, agem, enquanto o pesquisador externo conhece. Nesse contexto, a pesquisa é realizada com os jovens, adultos e idosos de 05 famílias da comunidade Parque Eliane totalizando 15 pessoas. Em todo o processo de investigação são utilizados 4 (quatro) tipos de instrumentos de coleta de dados no âmbito da abordagem qualitativa: o Diário de Campo, os contatos pessoais diretos e eletrônicos, a observação participante e as oficinas para construção de histórias orais e escritas (narrativas de experiências).

O Diário de Campo é uma ferramenta que, além de permitir uma visão do todo da pesquisa, servi para descrever as ações desenvolvidas cronologicamente, anotar as observações e análises feitas e registrar as falas do cotidiano dos jovens, adultos e idosos e os contatos pessoais diretos e eletrônicos e a observação participante possibilitam maior aproximação com o objeto pesquisado, trazendo a tona o trabalho desenvolvido.

A observação participante consiste no contato direto das pesquisadoras com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores e atrizes sociais em seus próprios contextos. De acordo com Moreira e Caleffe (2006, p.201), a observação participante:

[...] é uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes do estudo com o objetivo de observar e tentar descobrir como é ser um membro desse mundo. São feitas anotações detalhadas em relação aos eventos testemunhados. [...] a observação participante proporciona a melhor maneira de obter uma imagem válida da realidade social.

Nesta perspectiva, foi elaborado um roteiro de atividades, para acompanharmos as diversas rotinas dos grupos de jovens, adultos e idosos, para o primeiro período de 2013. Os encontros e oficinas são marcados com antecedência de acordo com a disponibilidade das/os jovens, adultos e idosos. No momento dos mesmos sempre é necessário contar com o auxílio de um gravador para captar as falas desses sujeitos. Em seguida, as falas são transcritas para posterior análise.

Nas oficinas para construção de histórias orais e escritas (narrativas de experiências) serão abordados os seguintes aspectos: como vivem entre si as diversas gerações (jovens, adultos e idosos) no Parque Eliane, quais os símbolos que caracterizam o “ser jovem”, o “ser adulto” e o “ser idoso” dentro das Práticas Culturais de Diálogos Intergeracionais na referida comunidade e quais os impactos educativos e sociais decorrentes da Construção de Diálogos Intergeracionais entre Jovens, Adultos e Idosos da comunidade supracitada.

À medida que visitamos a comunidade e conversamos com os/as jovens, adultos e idosos, produzimos o diário de campo (D. C.), no qual constam as observações (fatos e impressões que considera importante) e que serão de grande valia para o objetivo da pesquisa. Depois das oficinas, tem-se em seguida a fase mais complexa da investigação: a análise, a classificação, organização e interpretação dos dados, momento em que as pesquisadoras ultrapassarão a mera descrição, acrescentando novos elementos à discussão já existente.

Com a análise feita, serão escolhidos temas específicos e escreveremos sobre eles. Estas escolhas se darão de modo que chamem a atenção para as principais experiências vividas pelos/as jovens, adultos e idosos, da comunidade antes mencionada e pela experiência pessoal da pesquisadora no campo (comunidade). Através desta troca (relação pesquisado e pesquisadora) esperamos retratar o cotidiano dos jovens, adultos e idosos nas práticas culturais de construção de Diálogos Intergeracionais, e ainda entender como se constroem as identidades destes sujeitos/as nestas práticas.

6 (In) Conclusões sobre os Diálogos Intergeracionais

Como podemos compreender a partir das discussões levantadas sobre a construção dos Diálogos Intergeracionais entre jovens, adultos e idosos, Ferrigno (2010) em seus estudos se interroga sobre o que é necessário para realizar uma coeducação entre as gerações, fundamentada na premissa da igualdade de direitos, respeito às diferenças, voltada ao compartilhamento de valores culturais e a ruptura com o preconceito etário entre jovens, adultos e idosos.

Gomes (2006) contribui com essa ideia quando salienta que o trato pedagógico da diversidade é algo complexo, pois exige o reconhecimento da diferença, e ao mesmo tempo, o estabelecimento de padrões de respeito, de ética e a garantia dos direitos sociais.

Educar para a diversidade é fazer das diferenças um triunfo, explorá-las na sua riqueza, possibilitar a troca, proceder como grupo, entender que o acontecer humano é dentro de avanços e limites. E que a busca do novo, do diverso, que impulsiona a nossa vida deve nos orientar para a adoção de práticas pedagógicas, sociais e políticas em que as diferenças sejam entendidas como parte de nossa vivência, e não como algo exótico ou como desvio ou desvantagem.

López, Piera e Klainer (2004), ao detalharem o modo como se deve efetuar-se a relação entre as gerações, pontuam a respeito da importância de articulação entre a ação educativa e o diálogo, em que os participantes tenham a oportunidade de ser e de se constituir em sujeitos de direito. Educar, neste caso, engloba um complexo de interrogações, como: O que são os direitos humanos? Por que é necessária uma educação em e para os direitos humanos? E como formulá-la na prática? Tais questionamentos, segundo Oliveira (2011) se apresentam como premissa básica para a construção de relações intergeracionais na vida cotidiana, em que entre si, jovens, adultos e idosos trabalham na prática com a busca de relações igualitárias, sem perder de vista as diferenças. Sendo exatamente esta combinação o que permite a riqueza da coeducação de gerações, isto é, de mútuas relações entre pessoas abertas a se modificarem com a ajuda do outro.

É nessa perspectiva que Ferrigno (2010) reafirma a importância da transmissão da memória cultural que os idosos transmitem aos jovens e adultos, bem como seus modelos de como reagir ao processo de envelhecimento e da morte. Miranda (2010, p.14) também fala que aos idosos cabe à quebra de estereótipos quanto às possibilidades

e tempos de viver, os quais comumente o indivíduo não se permitiu experimentar ao longo dos anos.

Os jovens e adultos por sua vez, são importantes para os idosos, pois o convívio desenvolve neles/as maior flexibilidade em relação a novos valores e comportamentos, além de lhes possibilitar um maior acesso às novas tecnologias. Para os jovens e adultos, trata-se de observar e ensaiar a experiência da velhice vindoura, bem como as diversas formas de conviver com ela. Assim, estudar e lidar com a construção de Diálogos Intergeracionais é fundamental para ajudar na inclusão social de jovens, adultos e idosos enriquecendo-os mutuamente e desenvolvendo a tolerância e a solidariedade e amenizando, portanto, os efeitos deletérios do preconceito etário.

Oliveira (2011, p. 372) acrescenta a respeito com uma linda fala que expressa à importância da construção de Diálogos Intergeracionais entre jovens, adultos e idosos, afirmando que neste processo eles

Caminham, conversam, discutem, alegram-se, contradizem-se, buscam superar dificuldades, entram em conflitos, sofrem, brincam, cantam, magoam-se mutuamente, refazem-se e são capazes ainda de encontrar felicidade num sorriso, num doce ou numa expressão carinhosa, tendo as mãos enlaçadas, em sinal de segurança e afeto. Quando passeiam, jovens, adultos e idosos não estão perdendo tempo, estão ganhando vida.

Desse modo, o presente estudo poderá contribuir para uma reflexão coletiva, a fim de levar os jovens, adultos e idosos da comunidade Parque Eliane, a compreenderem a existência ou não dessa problemática em suas realidades, de se colocarem como sujeitos ativos em processos de mudança. Assim, o relacionamento entre os idosos e os mais jovens enriquece igualmente as partes, trazendo-lhes ideias e oportunidades renovadas. Ali, a relação ensino aprendizagem questiona a predeterminação de papéis sobre quem ensina e quem aprende, podendo mesmo invertê-la (MIRANDA, 2010, p.14).

Com base nas considerações expostas podemos compreender que a ideia de coeducação entre gerações pressupõe o compartilhamento de ações e a não hierarquização entre os sujeitos do processo, uma troca afetiva e igualitária de experiências que transcende a obviedade de expectativas anteriormente estabelecidas. O outro é um universo capaz de surpreender (MIRANDA, 2010, p.15). Relações em que a idade não se configure como elemento restritivo da capacidade de integração e socialização dos indivíduos, mas que seja apenas um marco da trajetória presente de homens e mulheres, maduros ou a amadurecer.

7 Referências Bibliográficas

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre Gerações**. 2ª ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade Cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. **In:_____ . Educação como prática da diferença**. ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Maria de Assunção, SILVÉRIO, Valter Roberto.(Orgs). Campinas, SP. Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006. p. 21-40.

LÓPEZ, Daniel; PIERA, Virgínia; KLAINER, Rosa. **Diálogos com Crianças e Jovens: construindo Projetos Educativos em e para os Direitos Humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELLUCI, Alberto. **Por uma Sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MIRANDA, Danilo Santos de. Aprender com o outro e surpreender-se. **In: FERRIGNO, José Carlos. Coeducação entre Gerações**. 2ª. ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010. p. 13-15.

MOREIRA, Herivelto. CALLEF, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador de sua Prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e relações entre gerações, **In. LONGHI, Marcia; ALMEIDA, Maria da Conceição Lafayette. Etapas da vida: jovens e idosos na contemporaneidade**. Recife: Ed. Universitaria da UFPE, 2011, p. 81-105.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas Compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Ana Célia de Sousa. **Relações de Gênero e Empoderamento de Mulheres: A experiência da Associação de Produção Mulheres Perseverantes**. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Piauí.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.